



“INIMIGOS DO PROGRESSO”: POPULAÇÕES INDÍGENAS E PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO NA AMÉRICA DO SUL (A EDUCAÇÃO COMO FERRAMENTA DE RESISTÊNCIA)

Álison Wagner Gomes da Silva¹, Carmen Susana Tornquist²

¹ Acadêmico do Curso de História - FAED - bolsista PROBIC/UDESC,

² Orientadora, Departamento de Ciências Humanas (DCH) – carmentornquist@hotmail.com.

Palavras-chave: terras indígenas, Guarani-Mbya, educação.

O presente trabalho foi desenvolvido a partir da participação no projeto de pesquisa intitulado: "Inimigos do Progresso: populações indígenas e projetos de desenvolvimento na América do Sul", no qual trabalharam também Mariana Madruga Bianchini, bolsista; e Carmen Susana Tornquist, orientadora. Entre março e junho de 2016, foram realizadas 6 entrevistas com indígenas e militantes da causa indígena, na região de Florianópolis. Também foram realizadas visitas à Terra Indígena Morro dos Cavalos (Palhoça-SC), sob a perspectiva etnográfica da observação participante, seguida de anotações e registros, e elaboração de Diários de Campo. A presença em diversos eventos acerca da temática indígena, em função da importância que o tema tem adquirido no contexto atual, também foi considerada neste trabalho. O fato de termos aprendido um pouco da língua Guarani também foi um ponto importante na pesquisa, pois facilitou o acesso e a simpatia de muitos indígenas, e de alguns informantes “especiais”, como sublinha Malinowski. Os primeiros meses foram dedicados a leituras básicas sobre metodologia de pesquisa e temática indígena, em especial sobre os Guarani e sobre direitos indígenas no Brasil. O foco da pesquisa neste momento concentrou-se nos Guarani do litoral, especialmente a aldeia de Morro dos cavalos, em um pequeno trecho do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (Palhoça- SC). Também foram arrolados os possíveis os informantes (pessoas a serem entrevistadas) bem como feita a pesquisa de seus contatos (telefone, endereço eletrônico). Em função dos objetivos da pesquisa, selecionamos tanto lideranças indígenas quanto indigenistas que atuam junto aos Guarani. Os contatos foram sendo feitos ao mesmo tempo em que as primeiras entrevistas eram realizadas, e avaliadas. A priori, a lista de pessoas a serem entrevistadas chegava a pelo menos o dobro da parcela de indivíduos que foram efetivamente entrevistados. Decorre do número ter sido menor, pelas dificuldades de trabalho enfrentadas, em especial o pouco tempo que muitos indígenas poderiam dispor para que realizássemos as entrevistas. Como pudemos constatar a partir de nossas observações, o cotidiano tanto dos indígenas quanto não-indígenas entrevistados está atualmente envolto de constantes enfrentamentos políticos, em especial em razão do conflito em torno de Morro dos Cavalos. A militância indigenista da região está sempre em movimento, pois lida com uma gama de conflitos, que vão da especulação imobiliária à garantias de acesso à educação das populações indígenas. A partir das observações constata-se que, como Mariátegui discorria em seus trabalhos, na década de 1920, sobre a realidade social peruana da época, que "o problema do



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA



Seminário de Iniciação Científica
Universidade do Estado de Santa Catarina

26° SIC UDESC

índio é o problema da terra". A luta pela terra envolve o cotidiano dos Guarani do Morro dos Cavalos, expressa no tempo em que aguardam a homologação da terra e no crescimento dos conflitos de todas as ordens pelos quais passam, desde os últimos cinco anos. Na avaliação da equipe, esta situação decorre do avanço da economia capitalista brasileira, e da importância das grandes rodovias, - como a BR 101, o maior corredor de escoamento de produção das regiões sul e sudeste do Brasil, na qual se situa a Terra Indígena. A cada visita ao local vimos que a rodovia provoca grandes reverberações na realidade da localidade e decorrentes adaptações da cosmogonia guarani às prevaletentes necessidades do desenvolvimento econômico da região. Com todos os entrevistados a resposta no que concerne à educação é a mesma: uma fonte de luta e resistência das populações indígenas. A importância das oportunidades de acesso à educação e as mudanças que foram ocorrendo durante os anos, decorrentes da Constituição de 1988, assim como o papel de órgãos governamentais (como a FUNAI) e o CIMI, são substancialmente relatados pelos entrevistados. A valorização da educação ao longo dos anos, decorrentes de maior abertura de oportunidades de acesso às populações indígenas, marca a realidade guarani da região. Os professores são figuras de grande respeito na comunidade, ganhando forte presença quanto à uma resistência política mais acentuada perante os inimigos da causa indígena, sendo a escola o principal ponto de reunião das lideranças e também do convívio social da população local. É visível a importância e resistência política, da presença indígena nas universidades, através de políticas de acesso à rede de ensino superior, da licenciatura diferenciada indígena presente na Universidade Federal de Santa Catarina, que trabalha as três populações indígenas presentes no estado, kaingang, xokleng e guarani, embora haja relatos das dificuldades de adaptação e permanência dos indivíduos no grande centro urbano em que se localiza o campus, distante das comunidades. Também é importante ressaltar os relatos sobre as estruturas das escolas indígenas, muitas vezes precários, e o quanto os indígenas buscam uma FUNAI "mais indígena", o que provavelmente decorre dos processos educativos atuais, da recuperação dos alicerces para a resistência e manutenção dos diferentes modos de ser dessas populações.